

# *Auto Chamado de Filodemo*

## de Luís de Camões

Feito por Luís de Camões e em que entram as figuras seguintes:

Filodemo; Vilardo, seu moço; Dionisa; Solina, sua moça; Venadoro e o monteiro; Duriano, amigo de Filodemo; um Bobo, filho do pastor; Florimena, pastora; Dom Lusidardo, pai de Venadoro; Doloroso, amigo de Vilardo; três pastores bailando.

### ARGUMENTO DO AUTO

Um fidalgo português que acaso andava nos Reinos de Dinamarca, como, por largos amores e maiores serviços, tevesse alcançado o amor de ùa filha de El-Rei, foi-lhe necessário fugir com ela em ùa galé, por quanto havia dias que a tinha prenhe. E de feito, sendo chegados à costa de Espanha, onde ele era senhor de grande património, armou-se-lhe grande tormenta, que sem nenhum remédio, dando a galé à costa, se perderam todos miseravelmente, senão a princesa, que em ùa tábua foi à praia. A qual, como chegasse o tempo de seu parto, junto de ùa fonte pariu duas crianças, macho e fêmea; e não tardou muito que um pastor castelhano, que naquelas partes morava, ouvindo os tenros gritos dos mininos, lhe acudiu a tempo que a mãe já tinha expirado. Crecidas, enfim, as crianças debaixo da humanidade e criação daquele pastor, o macho, que Filodemo se chamou, à vontade de quem os bautizara, levado da natural inclinação, deixando o campo, se foi pera a cidade, onde, por músico e discreto, valeu muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu pai, a quem muitos anos serviu sem saber o parentesco que entre ambos havia. E como de seu pai não tevesse herdado nada mais que os altos espíritos, namorou-se de Dionisa, filha de seu senhor e tio, que, encitada ao que por suas obras e boas partes merecia, ou porque elas nada enjeitam, lhe não queria mal. Aconteceu mais que Venadoro, filho de D. Lusidardo, mancebo fragueiro e muito dado ao exercício da caça, andando um dia no campo após um cervo, se perdeu dos seus; e indo dar em ùa fonte, onde estava Florimena, irmã de Filodemo (que assim lhe puseram o nome) enchendo ùa talha de água, se perdeu de amores por ela, que se não soube dar a conselho, nem partir-se donde ela estava, até que seu pai o não foi buscar. O qual, informado pelo pastor que a criara (que era homem sábio na arte mágica) [de como a achara] e como a criara, não teve por mal de casar a Filodemo com Dionisa, sua filha e prima de Filodemo, e a Venadoro, seu filho, com Florimena, sua sobrinha, irmã de Filodemo, pastor; e também pela muita renda que tinha, que de seu pai ficara, de que eles eram verdadeiros herdeiros. E das mais particularidades da comédia, fará menção o auto, que é o seguinte.

(Entra logo Filodemo e um seu moço – Vilardo.)

FILODEMO

Moço Vilardo!

VILARDO

Ei-lo vai.

FILODEMO

Falai, eramá, falai,  
E saí cá pera a sala.  
O vilão como se cala!

VILARDO

Pois, Senhor, saio a meu pai,  
que quando dorme não fala.

FILODEMO

Trazei cá ùa cadeira.  
Ouvis, vilão?

VILARDO

Senhor, sim.  
(Se me ela não traz a mim,  
Vejo-lhe eu ruim maneira).

FILODEMO

Acabai, vilão ruim!

Que moço pera servir  
Quem tem as tristezas minhas!  
Quem pudesse assi dormir!

VILARDO

Senhor, nestas menhãzinhas  
Não há i senão cair.  
Por demais é trabalhar  
Que este sono se me ausente.

FILODEMO

Porquê?

VILARDO

Porque há-de assentar  
Que, se não for com pão quente,

Não há-de desaferrar.

FILODEMO

Ora i p'lo que vos mando  
Vilão feito de formento.

(Sai Vilardo)

Triste do que vive amando  
Sem ter outro mantimento,  
Com que estê fantesiando!  
Só ùa cousa me desculpa  
Deste cuidado que sigo:  
Ser de tamanho perigo,  
que cuide que a mesma culpa  
Me fica sendo castigo.

(Vem o moço, e assenta-se na cadeira Filodemo, e diz avante:)

Ora quero praticar  
Só comigo um pouco aqui  
que, despois que me perdi,  
Desejo de me tomar  
Estreita conta de mi.  
Vai pera fora, Vilardo...  
Torna cá. Vai-me saber  
Se se quer já lá erguer  
O Senhor Dom Lusidardo,  
E vem-me logo dizer.

(Vai-se o moço.)

Ora bem, minha ousadia,  
Sem asas, pouco segura,  
Quem vos deu tanta valia,  
Que subais a fantasia  
Onde não sobe Ventura?  
Por ventura eu não nasci  
No mato, sem mais valer  
Que o gado ao pasto trazer?  
Pois donde me veio a mi  
Saber-me tão bem perder?

Eu, nascido antre pastores,  
Fui trazido dos currais,  
E dantre meus naturais  
Pera casa dos senhores,  
Donde vim a valer mais.

Agora, logo tão cedo,  
Que is mostrar a condição  
De rústico e de vilão!  
Dando-me Ventura o dedo,  
Lhe quero tomar a mão!

Mas oh! que isto não é assi,  
Nem são vilãos meus cuidados,  
Como eu deles entendi;  
Mas antes, de sublimados,  
Os não posso crer de mi.  
Porque, como hei eu de crer  
Que me faça minha estrela  
Tão alta pena sofrer,  
Que somente pola ter  
Mereço a glória dela,

Senão se Amor, de atentado,  
Porque me não queixe dele,  
Tem por ventura ordenado  
Que mereça o meu cuidado,  
Só por ter cuidado nele?

(Vem o moço, e diz)

VILARDO

O Senhor Dom Lusidardo  
Dorme com todo contento;  
E ele com o pensamento  
Quer estar fazendo alardo  
De castelinhos de vento!

Pois tão cedo se vestiu,  
Com seu dano se conforme.  
Pesar de quem me pariu,  
Ainda o Sol não saiu.  
Se vem à mão, também dorme.  
Ele quer-se levantar  
Assi pela menhãzinha!  
Pois quero-o desenganar,  
que por muito madrugar  
Não amanhece mais asinha.

FILODEMO

Traze-me a viola cá.

VILARDO

(Voto a tal que me vou rindo.)  
Senhor, também dormirá.

FILODEMO

Traze-a, moço!

VILARDO

Si, virá,  
Se não estiver dormindo.

FILODEMO

Ora i polo que vos mando!  
Não gracejeis.

VILARDO

Eis-me vou.  
Pois, pesar de São Fernando!  
Por ventura sou eu grou?  
Sempre hei-de estar vegiando?

(Vai-se o moço, e diz)

FILODEMO

Ah! Senhora, que podeis  
Ser remédio do que peno  
Quão mal ora cuidareis  
Que viveis e que cabeis  
Num coração tão pequeno!  
Se vos fosse apresentado  
Este tormento em que vivo,  
Creríeis que foi ousado  
Em este vosso criado  
Tornar-se vosso cativo?

(Vem o moço e traz a viola.)

VILARDO

Ora eu creio, se é verdade  
Que estou de todo acordado,  
Que meu amo é namorado;  
E a mi dá-me na vontade  
Que anda um pouco abalado.  
E se tal é, eu daria  
Par conhecer a donzela

A razão de hoje este dia;  
Porque a enganaria,  
Somente por ter dó dela.

Havia-lhe perguntar:  
Senhora, de que comeis?  
Se comeis de ouvir cantar,  
De falar bem, de trovar,  
Em boa hora casareis.  
Porém se vós comeis pão,  
Tende, Senhora, resguardo;  
Que eis aqui está Vilar do  
Que é um camaleão;  
Por isso, vós fazei fardo.

E se vós sois das gamenhas,  
E houverdes de atentar  
Por mais que por manducar,  
"Mi cama son duras peñas,  
Mi dormir siempre velar..."  
A viola, Senhor, vem  
Sem primas nem derradeiras.  
Mas sabe que lhe convém?  
Se quer, Senhor, tanger bem,  
Há-de haver mister terceiras.

E se estas cantigas vossas  
Não forem pera escutar,  
E quiserdes expirar,  
Há mister cordas mais grossas  
Porque não possam quebrar.

FILODEMO

Vai pera fora!

VILARDO

Já venho.

FILODEMO

Que eu só desta fantasia  
Me sustenho e me mantenho.

VILARDO

Camanha vista que tenho,  
que vejo a estrela do dia!

Vai-se Vilardo e canta

FILODEMO

Adó sube el pensamiento,  
Seria glória inmensa  
Si allá fuese quien lo piensa.

Fala.

Qual espírito devino  
Me fará a mi sabedor,  
Pois tão alto imagino  
Deste meu mal, se é amor,  
Se por dita é desatino?  
Se é amor, diga-me qual  
Pode ser seu fundamento,  
Ou qual é seu natural,  
Ou porque empregou tão mal  
Um tão alto pensamento.

Se é doudice, como em tudo  
A vida me abrasa e queima,  
Oh! quem viu num peito rudo  
Desatino tão sesudo,  
Que torna tão doce teima?  
Oh! Senhora Dionisa,  
Onde a natureza humana  
Se mostrou tão soberana,  
Que o que vós valeis me avisa,  
E o que eu peno me engana!

(Vem Solina moça, e diz)

SOLINA

Tomado estais vós agora,  
Senhor, co furto nas mãos.

FILODEMO

Solina, minha Senhora,  
Quantos pensamentos vãos  
Me ouviríeis lançar fora!

SOLINA

Oh! Senhor, e quão bem soa  
O tanger de quando em quando!  
Bem sei eu ùa pessoa,

Que há bem ùa hora e boa,  
Que vos está escutando.

FILODEMO

Por vida vossa, zombais?  
Quem é? Quereis-mo dizer?

SOLINA

Não no haveis vós de saber  
Bofé, se me não peitais.

FILODEMO

Dar-vos-ei quanto tiver;  
Pera tais tempos como estes.  
Quem tivera ùa voz dos Céus,  
Pois escutar me quisestes!

SOLINA

Assi pareça eu a Deus,  
Como lhe vós parecestes!

FILODEMO

A Senhora Dionisa  
Quer-se já alevantar?

SOLINA

Assi me veja eu casar,  
Como despida em camisa  
Se ergueu por vos escutar.

FILODEMO

Em camisa levantada!  
Tão ditosa é minha estrela,  
Ou mo dizeis refalsada?

SOLINA

Pois bem me defendeu ela  
Que vos não dissesse nada.

FILODEMO

Se pena de tantos anos



Merecer algum favor,  
Pera curar de meus danos  
Fartai-me desses enganar,  
Que não quero mais do Amor.

SOLINA

Agora quero eu falar  
Neste caso com mais tento;  
Quero agora perguntar:  
E de siso is vós tomar  
Um tão alto pensamento?!

Certo é muita maravilha,  
Se vós isto não sentis  
Bem. Vós como não caís  
que Dionisa que é filha  
De Senhor a quem servis?  
Como? Vós não atentais  
Nos Grandes; de que é pedida?  
Peço-vos que me digais  
Qual é o fim que esperais  
Neste caso, em vossa vida?

Que rezão boa ou que cor  
Podeis dar a esta afeição?  
Dizei-me vossa tenção.

FILODEMO

Onde vistes vós amor  
Que se guie por rezão?  
Se quereis saber de mi  
Que fim ou de que teor  
O pretendo em minha dor,  
Se eu neste amor quero fim,  
Sem fim me atormente Amor.

Mas com glória fengida  
Pretendeis de me enganar,  
Por assi mal me tratar;  
Assi que me dais a vida  
Somente por me matar.

SOLINA

Eu vos digo a verdade.

FILODEMO

Da verdade fujo eu,  
Porque só Amor me deu  
Pena de tal qualidade,  
Que assaz me custa do meu.

SOLINA

Folgo muito de saber  
Que sois amante tão fino.

FILODEMO

Pois mais vos quero dizer,  
Que às vezes no que imagino  
Não ousa de me estender.  
Na hora que imaginei  
Na causa de meu tormento,  
Tamanha glória levei,  
Que por onças desejei  
De lograr o pensamento.

SOLINA

Se me vós a mi jurardes  
De me terdes em segredo  
Ûa cousa... Mas hei medo  
De logo tudo contardes.

FILODEMO

A quem?

SOLINA

Àquele enxovedo.

FILODEMO

Qual?

SOLINA

Aquele mau pesar  
Que ontem convosco ia.  
Quem se fosse em vós fiar!  
O que vos disse o outro dia,  
Tudo lhe fostes contar.

FILODEMO

Que lhe contei?

SOLINA

Já lhe esquece?!

FILODEMO

Por certo que estou remoto.

SOLINA

I, que sois um cesto roto.

FILODEMO

Esse homem tudo merece.

SOLINA

Vós sois muito seu devoto.

FILODEMO

Senhora, não hajais medo:  
Contai-me isso, e far-me-ei mudo.

SOLINA

Senhor, o homem sesudo,  
Se em tais cousas tem segredo,  
Saiba que alcançará tudo.

A senhora Dionisa  
Crede que mal vos não quer:  
Não vos posso mais dizer.  
Isto tende por baliza  
Com que vos saibais reger.  
Que em mulheres, se atentais,  
O querer está vesível;  
E se bem vos governais,  
Não desespereis do mais,  
Porque, enfim, tudo é possível.

FILODEMO

Senhora, pode isso ser?

SOLINA

Si, que tudo o mundo tem.  
Olhai não no saiba alguém.

FILODEMO

E que maneira hei-de ter  
Pera em mim ter tanto bem?

SOLINA

Vós, Senhor, o sabereis;  
E já que vos descobri  
Tamanho segredo aqui,  
Ûa mercê me fareis  
Em que me vai muito a mi.

FILODEMO

Senhora, a tudo me obrigo  
Quanto for em minha mão.

SOLINA

Pois dissei a vosso amigo  
Que não gaste tempo em vão,  
Nem queira amores comigo.

Porque eu tenho parentes,  
Que me podem bem casar;  
E mais que não quero andar  
Agora em boca de gentes  
A quem se ele vai gabar.

FILODEMO

Senhora, mal conheceis  
O que vos quer Duriano.  
Sabei, se o não sabeis,  
Que em sua alma sente o dano  
Do pouco que lhe quereis,  
E que outra cousa não quer,  
Que ter-vos sempre servida.

SOLINA

Pola sua negra vida,  
Isso havia eu bem mester.

FILODEMO

Vós sois desagardecida!

SOLINA

Si, que tudo são enganoso  
Em tudo quanto falais.

FILODEMO

Não quero que me creais:  
Crede o tempo, que há dous anos  
Que vos serve, e inda mais.

SOLINA

Senhor, bem sei que me engano;  
Mas a vós, como a irmão,  
Descubro este coração:  
Sabei que a Duriano  
Tenho sobeja afeição.

Olhai que lhe não digais  
Isto que vos aqui digo.

FILODEMO

Senhora, mal me tratais:  
Inda que sou seu amigo,  
Sabei que vosso sou mais.

SOLINA

E já que vos confessei  
Aquestas fraquezas minhas  
Que há tanto que de mi sei,  
Fazei vós nas cousas minhas  
Ó que eu nas vossas farei.

FILODEMO

Vós enxergareis, Senhora,  
O que eu por vós sei fazer.

SOLINA

Como me deixo esquecer!  
Aqui estivera agora  
Falando 'té anoutecer.  
Vou-me; e olhai quanto vale  
O que passou antre nós.

FILODEMO

E porque vos ides vós?

SOLINA

Porque parece já mal  
Estar aqui ambos sós.  
E mais vou vestir agora  
A quem vos dá tão má vida.  
Ficai-vos, Senhor, embora.

FILODEMO

Nessa ide vós, Senhora,  
Que já vos tenho entendida.

(Vai-se Solina, e diz)

FILODEMO

Ora, se pode isto ser  
Do que esta moça me avisa,  
Que a Senhora Dionisa,  
Por me ouvir, se fosse erguer  
Da sua cama em camisa!

E diz que mal me não quer.  
Não queria maior glória!  
Mas o que mais posso crer,  
Que nem pera lhe esquecer  
Lhe passo pela memória.  
Mas ter Solina também  
Em Duriano o intento,  
levar-me a lenha o vento;  
Porque se ela lhe quer bem,  
Pera bem vai meu tormento.

Mas foi-se este homem perder  
Neste tempo, de maneira,  
Por ùa mulher solteira,  
Que não me atrevo a fazer  
Que um pequeno bem lhe queira.  
Porém far-lhe-ei um partido  
Porque ela não se querele:  
Que se mostre seu perdido,  
Inda que seja fengido,  
Como lhe outrem faz a ele.

E já que me satisfaz,  
E tanto nisto se alcança,  
Dê-lhe fengida esperança:  
Do mal que lhe outrem faz,  
Tomará nela vingança.

(Vai-se Filodemo e vem)

## VILARDO

Ora boa está a cilada  
De meu amo com sua amada,  
que se levantou da cama  
Por ouvi-lo! Está tomada;  
Assi a tome má trama.

E mais crede que quem canta,  
Ainda descantará;  
E quem do leito, onde está,  
Por ouvi-lo se levanta,  
Mor desatino fará.  
quem havia de cuidar,  
Que dama fermosa e bela  
Saltasse o demónio nela  
Pera a fazer namorar  
De quem não é igual dela!

Que me dizeis a Solina?  
Coma se faz Celestina,  
Que, por não lhe haver enveja,  
Também pera si deseja  
O que o desejo lhe ensina!  
Crede que, se me alvoroço,  
Que a hei-de tomar por dama;  
E não será grão destroço.  
Pois o amo quer a ama,  
Que a moça queira o moço.

Vou-me; que vejo lá vir  
Venadoro, apercebido  
Pera a caça se partir:  
E voto a tal, que é partido  
Pora ver e pera ouvir.  
Que é rezão justa e rasa  
Que seu folgar se desconte  
Em quem arde como brasa;  
Que se vai caçar ao monte,  
Fique outrem caçando em casa.

(Vai-se Vilardo e entra)

VENADORO

Aprovada antigamente  
Foi, e muito de louvar,  
A ocupação do caçar,  
E da mais antiga gente  
Havida por singular.  
É o mais contrário officio  
Que tem a ociosidade,  
Mãe de todo o bruto vício:  
Por este limpo exercício  
Se reserva a castidade.

Este dos grandes senhores  
Foi sempre muito estimado;  
E é grande parte do estado  
Ter monteiros, caçadores,  
Como officio que é prezado.  
Pois logo porque rezão  
A meu pai há-de pesar  
De me ver ir a caçar?  
E tão boa ocupação  
Que mal me pode causar?

(Vem o Monteiro, e diz)

MONTEIRO

Senhor, venho alvoraçado,  
E mais com muita rezão.

VENADORO

Como assi?

MONTEIRO

Que me é chegado  
O mais extremado cão  
Que nunca caçou veado.  
Veamos que me há-de dar.

VENADORO

Dar-vos-ei quanto tiver;  
Mas há se de exprimentar  
Pera se poder julgar  
As manhas que pode ter.



MONTEIRO

Pode assentar que este cão,  
Que tem das manhas a chave,  
Bem feito, em admiração;  
Pois em ligeiro, ùa ave;  
Em cometer, um leão;  
Com porcos, maravilhoso;  
Com veados, extremado.  
Sobeja-lhe o ser manhoso.

VENADORO

Pois eu ando desejoso  
De irmos matar um veado.

MONTEIRO

Pois, Senhor, como não vai?

VENADORO

Vamos, e vós mui ligeiro  
O necessário ordenai;  
Que eu quero chegar primeiro  
Pedir licença a meu pai.

(Vão-se e vem Duriano, e diz)

DURIANO

Pois não creio eu em S. Pisco do Pau, se hei-de pôr é em ramo verde, 'té lhe dar trezentos açoutes. Depois de ter gastado perto de trezentos cruzados com ela, porque logo lhe não mandei o cetim pera as mangas, fez de mim mangas ao demo. Não desejo eu de saber, senão qual é o galante que me sucedeu; que se vo-lo eu colho a barlavento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a Fortuna tem cortado à minha custa. Ora tenho assentado que amor destas anda co dinheiro, como a maré co a lûa: bolsa cheia, amor em águas vivas; mas se vasa, vereis espraiair este engano, e deixar em seco quantos gostos andavam como peixe na água.

(Entra Filodemo e diz:)

Hou lá! cá sois vós?! Pois agora ia eu bater essas moutas, pera ver se me saíeis de algûa, porque quem vos quiser achar, é necessário que vos tire como ùa alma.

DURIANO

Oh! maravilhosa pessoa! Vós é certo que vos prezais de mais certo em rasa, que pinheiro em porta de taverna; e trazeis se vem à mão os pensamentos com os focinhos quebrados, de caírem onde vós sabeis. Pois sabeis, Senhor Filodemo, quais são os que

me matam? Uns muito bem almofaçados, que com dois ceitis fendem a anca pelo meio, e se prezam de brandos na conversação, e de falarem pouco e sempre consigo, dizendo que não darão meia hora de triste pelo tesouro de Veneza; e gabam mais Garcilaso que Boscão, e ambos lhe saem das mãos virgens; e tudo isto por vos meterem em consciência que se não achou pera mais o Grão Capitão Gonçalo Fernandes. Ora pois desengano-vos, que a mor rapazia do mundo foram altos espiritos; e eu não trocarei duas pescoçadas da minha etc., depois de ter feito a trosquia a um frasco, e falar-me por tu e fengir-se-me bêbaba, porque o não pareça, por quantos sonetos estão escritos polos troncos das árvores do Vale Luso, nem por quantas Madamas Lauras vós idolatrais.

FILODEMO

Tá tá! não vades avante, que vos perdeis.

DURIANO

Aposto que adivinho o que quereis dizer?

FILODEMO

Quê?

DURIANO

Que se me não acudíeis com batel, que me ia meus passos contados a herege de amor.

FILODEMO

Oh! que certeza tamanha, o muito pecador não se conhecer por esse!

DURIANO

Mas oh! que certeza maior de muito enganado esperai em sua openião! Mas tornando a nosso porpósito: que é o pera que me buscais? que, se é cousa de vossa saúde, tudo farei.

FILODEMO

"Como templaré el destemplado?" Quem poderá dar o que não tem, Senhor Duriano? Eu quero-vos deixar comer tudo: não pode ser que a natureza não faça em vós o que a razão não pode. O caso é este: (Dir-vo-lo-ei; porém é necessário que primeiro a alimpeis como marmelo, e que ajunteis pera um canto de casa todos esses maus pensamentos; porque, segundo andais mal avinhado, danareis tudo aquilo que agora lançarem em vós). Já vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra cousa que não servir a Senhora Dionisa; e posto que a desigualdade dos estados o não consinta, eu não pretendo dela mais que o não pretender dela nada, porque o que lhe quero, consigo mesmo se paga; que este meu amor é como a ave Fénix, que de si só nasce e não de outro nenhum interesse.

DURIANO

Bem praticado está isso; mas dias há que eu não creio em sonhos.

FILODEMO

Porquê?

DURIANO

Eu vo-lo direi: porque todos vós outros os que amais pela passiva, dizeis que o amor fino como melão não há-de querer mais de sua dama que amá-la; e virá logo o vosso Petrarca, e o vosso Petro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais safado que as luvas de um pagem de arte, mostrando rezões verisímeis e aparentes, pera não quererdes mais de vossa dama que vê-la; e ao mais até falar com ela. Pois inda achareis outros escodrinhadores de amor mais especulativos, que defenderão a justa por não emprenhar o desejo; e eu faço-vos voto solene, se a qualquer destes lhe entregassem sua dama tosada e aparelhada entre dous pratos, eu fico que não ficasse pedra sobre pedra. E eu já de mi vos sei confessar que os meus amores hão-de ser pela activa, e que ela há-de ser a paciente e eu agente, porque esta é a verdade. Mas, contudo, vá V. M. co a história por diante.

FILODEMO

Vou, porque vos confesso que neste caso há muita dúvida antre os Doutores. Assi que vos conto que estando esta noite com a viola na mão, bem trinta ou quarenta léguas pelo sertão dentro de um pensamento, senão quando me tomou à treição Solina; e antre muitas palavras que tivemos, me descobriu que a Senhora Dionisa se levantara da manhã por me ouvir, e que estivera pela greta da porta espreitando quase hora e meia.

DURIANO

Cobras e tostões, sinal de terra. Pois ainda vos eu não fazia tanto avante.

FILODEMO

Finalmente, veio-me a descobrir que me não queria mal, que foi pera mi o maior bem do mundo; que eu estava já concertado com minha pena a sofrer por sua causa, e não tenho agora sujeito pera tamanho bem.

DURIANO

Grande parte da saúde é pera o doente trabalhar por ser são. Se vos leixardes manquecer na estrebaria com essas finezas de namorado, nunca chegareis onde chegou Rui de Sande. Por isso boas esperanças ao leme! que eu vos faço bom que às duas enxadadas acheis água. E que mais passastes?

FILODEMO

A maior graça do mundo: veio-me a descobrir que era perdida por vós; e assi me quis dar a entender que faria por mi tudo o que lhe vós mereceis.

DURIANO

Santa Maria! Quantos dias há que nos olhos lhe vejo marejar esse amor! Porque o fechar de janelas que essa mulher me faz, e outros enojos que dizer poderia, "no son sino corredores del amor", e a cilada em que ela quer que eu caia.

FILODEMO

Nem eu quero que lho queirais, mas que lhe façais crer que lho quereis.

DURIANO

Não... quant'a dessa maneira me ofereço a romper meia dúzia de serviços alinhavados às panderetas, que bastem assentar-me em soldo pelo mais fiel amante que nunca calçou esporas; e se isto não bastar, "salgan las palabras unas sangrentas del corazón", entoadas de feição, que digam que sou um Mancias, e pior ainda.

FILODEMO

Ora dais-me a vida. Vamos ver se por ventura aparece, porque Venadoro, irmão da Senhora Dionisa, é fora à caça; e sem ele fica a casa despejada; e o Senhor Dom Lusidardo anda no pomar todo o dia; que todo o seu passatempo é enxertar e dispor, e outros exercícios de agricultura, naturais a velhos. E pois o tempo nos vem à medida do desejo, vamo-nos lá; e se puderdes falar, fazei de vós mil manjares, por que lhe façais crer que sois mais desperdiçado de amor que um Brás Quadrado.

DURIANO

Ora vamos, que agora estou de vez, e cuido de hoje fazer mil maravilhas, com que vosso feito venha à luz.

(Vão-se e entra Dionisa e Solina, e diz)

DIONISA

Solina, mana!

SOLINA

Senhora!

DIONISA

Trazei-me cá a almofada;  
Que a casa está despejada,  
E esta varanda cá fora  
Está melhor assombrada.

Trazei a vossa também  
Pera estarmos cá lavrando.  
Enquanto meu pai não vem,  
Estarmos praticando,  
Sem nos estorvar ninguém.

SOLINA

Este é o mesmo lugar  
Onde estava o bem logrado,  
Tal que, de muito enlevado,  
Se esquecia de cantar,  
Por se enlevar no cuidado.

DIONISA

Vós, mana, sois mui ruim!  
Logo lhe fostes contar  
Que me ergui polo escutar.

SOLINA

Eu o disse?!

DIONISA

Eu não o ouvi?  
Como mo quereis negar?

SOLINA

E pois isso que releva?  
Que se perde nisso agora?

DIONISA

Que se perde? Assi, Senhora,  
Folgareis vós que se atreva  
A contá-lo lá por fora?  
Que se lhe meta em cabeça  
Algũa párvua tenção?  
que faça, se vem à mão;  
Algũa cousa que pareça?

SOLINA

Senhora, não tem rezão.

DIONISA

Eu sei mui bem atentar  
Do que se há-de ter receio,  
E do que é pera estimar.

SOLINA

Não é o demo tão feio  
Como alguém o quer pintar;  
E não se espera isso dele,  
Que não é ora tão moço.  
E Vossa Mercê assele  
Que qualquer segredo nele  
É como ùa pedra em poço.

DIONISA

E eu que segredo quero  
Co um criado de meu pai?

SOLINA

E vós, mana, fazeis fero?  
Ao diante vos espero,  
Se adiante o caso vai.

DIONISA

O madraço! quem no vir  
Falar de siso co ela...  
Então vós, gentil donzela,  
Folgais muito de o ouvir?

SOLINA

Si, porque me fala nela;  
E eu como ouço falar  
Nela, como quem não sente,  
Folga de o escutar,  
Só pera lhe vir contar  
O que dela diz a gente;  
Que eu não quero nada dele.  
E mais, porque está falando?  
Não me esteve ela rogando  
Que fosse falar com ele?

DIONISA

Disse-vo-lo assi zombando.

Vós logo tomais em grosso

Tudo quanto me escutais.  
Parvo! que vê-lo não posso.

SOLINA

Ela ali, e o cão co o osso!  
Inda isto há-de vir a mais.  
Pois que tal ódio lhe tem  
Falemos, Senhora, em al;  
Mas eu digo que ninguém  
Merece por querer bem  
Que a quem lho quer, queira mal.

DIONISA

Deixai-o vós doudejar.  
Se meu pai ou meu irmão  
O vierem a aventar,  
Não há ele de folgar.

SOLINA

Deus meterá nisso a mão.

DIONISA

Ora i polas almofadas,  
Que quero um pouco lavar,  
Por ter em que me ocupar;  
Que em cousas tão mal olhadas  
Não se há o tempo de gastar.

Vai Solina dizendo:

Que cousa somos mulheres!  
Como somos perigosas!  
E mais estas tão viçosas  
Que estão à boca, "que queres?"  
E adoecem de mimosas!  
Se eu não caminho agora  
A seu desejo e vontade,  
Como faz esta senhora,  
Fazem-se logo nessa hora  
Na volta da honestidade.

Quem a vira o outro dia  
Um pouquinho agastada,  
Dar no chão com a almofada,  
E enlevar a fantasia,  
Toda noutra transformada!

Outro dia lhe ouvirão  
Lançar suspiros a molhos,  
E com a imaginação  
Cair-lhe a agulha da mão,  
E as lágrimas dos olhos.

Ouvir-lhe-eis à derradeira  
A Ventura maldizer,  
Porque a foi fazer mulher.  
Então diz que quer ser freira,  
E não se sabe entender.  
Então gaba-o de discreto;  
De músico e bem disposto  
De bom corpo e de bom rosto.  
Quant'a então eu vos prometo  
Que não tem dele desgosto.

Depois, se vem a atentar,  
Diz que é muito mal feito  
Amar homem deste jeito;  
E que não pode alcançar  
Pôr seu desejo em efeito.  
Logo se faz tão senhora,  
Logo lhe ameaça a vida,  
Logo se mostra nessa hora  
Muito segura de fora,  
E de dentro está sentida.

Bofé, segundo vou vendo,  
Se esta postema vier,  
Como eu suspeito, a crescer,  
Muito há que dela entendo  
Ao fim que pode vir ter.

(Vai-se Solina e entra Duriano e Filodemo, e diz)

DURIANO

Ora deixai-a ir, que à vinda lhe falaremos; entretanto cuidarei o como hei-de fazer; que não há mor trabalho pera ùa pessoa que fingir-se.

FILODEMO

Dar-lhe-eis esta carta; e fazei muito com ela que a dê à Senhora Dionisa, que me vai nisso muito.

DURIANO

Por mulher de tão bom engenho a tendes?



FILODEMO

E porque me perguntais isso?

DURIANO

Porque ainda ontem entrou pelo A, B, C, e já quereis que leia carta mandadeira. Fá-la-eis cedo escrever matéria junta.

FILODEMO

Não lhe digais que vos disse nada, porque cuidará que por isso lhe falais; mas fengi que de puro amor a andais buscando a tempos que façam à vossa tenção.

DURIANO

Deixai-me vós a mi com o caso, que eu sei melhor as pancadas a estes vintes que vós; e eu vo-la farei hoje vir à nós sem gafas; e vós entretanto acolhei-vos a sagrado, porque ei-la lá vem.

FILODEMO

Olhai lá: fazei que a não vedes, e fengi que falais convosco, que faz a nosso caso.

DURIANO

Dizeis bem. ("Yo sigo tristeza, remédio de tristes: la terrible pena mia / no la espero remediar". Pois não devia assi de ser, polos santos Evangelhos! mas muitos dias há que eu sei que o amor e os cangrejos andam às vessas. Ora, enfim, "las tristezas no me espanten, porque suelen aflojar cuando mas duelen").

(Entra Solina e vai-se Filodemo, e diz)

Solina, com a almofada.

Aqui anda passeando  
Duriano, e só consigo  
Pensamentos praticando.  
Daqui posso estar notando  
Com quem sonha, se é comigo.

DURIANO

Ah! quão longe estará agora,  
Minha Senhora Solina,  
De saber que estou bem fora  
De ter outra por senhora,  
Segundo o amor determina!

Porém se determinasse

Minha bem-aventurança  
Que de meu mal lhe pesasse,  
Até que nela tomasse  
Do que lhe quero vingança!...

SOLINA

(Comigo sonha por certo.  
Ora quero-me mostrar,  
Assim como por acerto:  
Chegar-me-ei mais ao perto,  
Por ver se me quer falar.)

Sempre esta casa há-de estar  
Acompanhada de gente,  
Que não possa homem passar!

DURIANO

À traição vindes tomar  
Quem já feridas não sente?

SOLINA

Logo me a mi parecia  
Que era ele o que passeava.

DURIANO

E eu mal adivinhava  
Que me viesse este dia;  
Que há tantos que desejava.

Se uns olhos por vos servir,  
Com o amor que vos conquista,  
Se atreveram a subir  
Os muros de vossa vista,  
Que culpa tem quem vos vir?  
E se esta minha afeição,  
Que vos serve de giolhos,  
Não fez erro na tenção,  
Tomai vingança nos olhos,  
E deixai o coração.

SOLINA

Ora agora me vem riso.  
Assi que vós sois, Senhor,  
De siso meu servidor?

DURIANO

De siso não, porque o siso  
Me tem tirado o amor.  
Porque o amor, se atentais,  
Num tão verdadeiro amante  
Não deixa siso bastante;  
Se não de siso chamais  
A doudice tão galante.

SOLINA

Que, se é verdade o que temo,  
Que fez isto Filodemo.

DURIANO

Mas fê-lo o demo; que Deus  
Não faz mal tanto em extremo.

SOLINA

Bem. Vós, Senhor Duriano,  
Porque zombareis de mim?

DURIANO

Eu zombo?

SOLINA

Eu não me engano.

DURIANO

Se eu zombo, inda em meu dano  
Vejaís vós mui cedo a fim.

Mas vós, Senhora Solina,  
Porque me quereis mal?

SOLINA

Sou mofina.

DURIANO

Oh! real!  
Assi que minha mofina  
É minha inimiga imortal.

Dias há que eu imagino:  
Quem vos amar e servir,  
Não há amador mais fino;  
Mas sinto que de mofino  
Me fino sem no sentir.

SOLINA

Bem derivais: quant'a assi  
À popa o dito vos veio.

DURIANO

Vir-me-á de vós, porque creio  
Que. vós falais dentro em mi,  
Como espirito em corpo alheio.  
E assi que em estas piós  
A cair, Senhora, vim;  
Bem parecerá entre nós  
Pois vós andais dentro em mim,  
Que ande eu também dentro em vós.

SOLINA

É bem. Que falar é esse?

DURIANO

Dentro na vossa alma, digo,  
Lá andasse e lá morresse!  
E se isto mal vos parece,  
Dai-me a morte por castigo.

SOLINA

Ah mau! Como sois malvado:

DURIANO

Mas vós como sois malvada  
Que de um pouco mais de nada  
Fazeis um homem armado,  
Como quem 'stá sempre armada!

Dizei-me, Solina, mana...

SOLINA

Que é isso? Tirai lá a mão!  
Oh! vós sois mau cortesão.

DURIANO

O que vos quero me engana,  
Mas o que desejo não.  
Aqui não há senão paredes,  
As quais não falam nem vêm:

SOLINA

Está isso muito bem.  
Bem! E vós, Senhor, não vedes  
Que poderá vir alguém?

DURIANO

Que vos custam dous abraços?

SOLINA

Não quero tantos despejos.

DURIANO

Pois que farão meus desejos,  
Que querem ter-vos nos braços,  
E dar-vos trezentos beijos?

SOLINA

Olhai que pouca vergonha!  
I-vos de i, boca de praga!

DURIANO

Eu não sei certo a que ponha  
Mostrardes-me a triaga,  
E virdes-me a dar peçonha.

SOLINA

Ora ide rir à feira,  
E não sejais dessa laia.

DURIANO

Se vedes minha canseira,  
Porque lhe não dais maneira?

SOLINA

Que maneira?

DURIANO

A da saia.

SOLINA

Por minha alma hei-de vos dar  
Meia dúzia de porradas.

DURIANO

Oh! que gostosas pancadas!  
Mui bem vos podeis vingar,  
que em mim são bem empregadas.

SOLINA

Ó diabo que o eu dou!  
Como me doeu a mão!

DURIANO

Mostrai cá, minha afeição,  
Que essa dor me magoou  
Dentro do meu coração.

SOLINA

Ora i-vos embora asinha.

DURIANO

Por amor de mi, Senhora,  
Não fareis ùa cousinha?

SOLINA

Digo que vades embora.  
Que cousa?

DURIANO

Esta cartinha.

SOLINA

Que carta?

DURIANO

De Filodemo  
A Dionisa, vossa ama.

SOLINA

Dizei que tome outra dama,  
E dê os amores ao demo.

DURIANO

Não andemos pola rama.  
Senhora (aqui pera nós):  
Que sentis dela com ele?

SOLINA

Grandes alforges sois vós!  
Pois i-lhe dizer que apele.

DURIANO

Falai, que aqui estamos sós.

SOLINA

Qualquer honesta se abala,  
Como sabe que é querida.  
Ela é por ele perdida:  
Nunca noutra cousa fala.

DURIANO

Ora vou-lhe dar a vida.

SOLINA

E eu não lhe disse já  
Quanta afeição lhe ela tem?

DURIANO

Não se fia de ninguém,  
Nem crê que pera ele há  
No mundo tamanho bem.

SOLINA

Dir-vos-ia de mim lá  
O que lhe eu disse zombando?

DURIANO

Não disse, por S. Fernando!

SOLINA

Ora ide-vos.

DURIANO

Que me vá?!  
E mandais que torne? Quando?

SOLINA

Quando eu cá vir lugar,  
Vo-lo mandarei dizer.

DURIANO

Se o quiserdes buscar,  
Não vos deve de faltar,  
Se não faltar o querer.

SOLINA

Não falta.

DURIANO

Dai-me um abraço  
Em sinal do que quereis.

SOLINA

'Tá! que o não levareis.

DURIANO

De quantos serviços faço  
Nenhum pagar me quereis?!

SOLINA

Pagar-vos-ão algũa hora,  
Que isso a mi também me toca;  
Mas agora i-vos embora.



DURIANO

Essas mãos beijo, Senhora,  
Enquanto não posso a boca.

(Vai-se Duriano, e fala Solina com Dionisa, que lhe traz a almofada. E diz)

SOLINA

Já Vossa Mercê dirá  
Que estive muito tardando.

DIONISA

Bem vos detivestes lá.  
Bofé, que estava cuidando  
Em não sei quê.

SOLINA

Que será?  
Aqui somos. (Quant'a agora  
Está ela trasportada.)

DIONISA

Que rosnais vós lá, Senhora?

SOLINA

Digo que tardei lá fora  
Em buscar esta almofada.  
Que estava ela agora só  
Consigno fantasiando?

DIONISA

Bofé, que estava cuidando  
Que é muito pera haver dó  
Da mulher que vive amando.  
Que um homem pode passar  
A vida mais ocupado:  
Com passear, com caçar,  
Com correr, com cavalgar,  
Forra parte do cuidado.

Mas a coitada  
Da mulher sempre encerrada,  
Que não tem contentamento,

Não tem desenfadamento,  
Mais que agulha e almofada?  
Então isto vem parir  
Os grandes erros da gente,  
Em que já antigamente  
Foram mil vezes cair  
Princesas de alta semente.

Lembra-me que ouvi contar  
De tantas afeiçoadas  
Em baixo e pobre lugar,  
Que as que agora vão errar  
Podem ficar desculpadas.

SOLINA

Senhora, a muita afeição  
Nas princesas de alto estado  
Não é muita admiração;  
Que no sangue delicado  
Faz amor mais impressão.

Mas deixando isto à parte,  
Se me ela quiser peitar,  
Prometo de lhe mostrar  
Ûa cousa muito de arte,  
Que lá dentro fui achar.

DIONISA  
Que cousa?

SOLINA

Cousa de espirito.

DIONISA

Algum pano de lavoires?

SOLINA

Inda ela não deu no fito?  
Cartinha sem sobrescrito,  
Que parece ser de amores.

DIONISA

Essa é a boa ventura

SOLINA

Bofé, que mo pareceu.

DIONISA

E essa donde nasceu?

SOLINA

No meu cesto da costura:  
Não sei quem ma ali meteu.

DIONISA

Mostrai-me; não hajais medo,  
Mana. Eu que vos descobri...

SOLINA

E se ela vem pera mi?  
Logo quer ver meu segredo?  
Não a veja: vá-se di.

Ei-la aí.

DIONISA

Cuja será?

SOLINA

Não sei certo cuja é.

DIONISA

Si, sabeis.

SOLINA

Não sei, bofé!

DIONISA

Ora a carta mo dirá.

SOLINA

Pois leia Vossa Mercê.

(Abre Dionisa a carta, e lê-a.)

«Se pera merecer minha pena me não falta mais que viver contente dela, já logo ma podeis consentir; pois que de nenhũa outra cousa vivo triste, senão por não ser pera tão doce tristeza. Se tendes por ofensa cometer tamanha ousadia, por maior a devíes ter, se a não cometesse; que amor acostumado é fazer os extremos à medida das afeições, e as afeições à medida da causa delas. Pois logo, nem o meu amor pode ser pouco, nem fazer menos: se este [não] bastar pera consentirdes em meu pensamento, baste pera me dardes o que pelo ter mereço; e senão, muitas graças ao Amor, que me soube dar um cuidado, que, com tê-lo, se paga o trabalho de sofrê-lo».

SOLINA

Quanta parvoíce diz!

DIONISA

Ora muito boa está!  
Como vês, mana, sois má!  
Não sejais vós tão biliz,  
Que bem vos entendo já.  
Cuja é?

SOLINA

E eu que sei?

DIONISA

Pois quem o sabe?

SOLINA

O demo.

DIONISA

Certo que é de quem temo;  
Que os ditos que nela achei  
São todos de Filodemo.

Este homem, que atrevimento  
É este que foi tomar?  
Qual será seu fundamento,  
Que mil vezes me faz dar  
Mil voltas ao pensamento?  
Não entendo dele nada.  
Mas inda que isto é assi,  
Disso que dele entendi,  
Me sinto tão alterada,  
Que me arreceo de mi.

Eu inda agora não creio  
Que é verdade este amor;  
Mas praza a Deus, se assi for,  
Que inda este meu receio  
Se não converta em temor.

SOLINA

"Já vós, já sedes  
Peixes nas redes".

Senhora, quem mais confia,  
Mais asinha a cair vem.  
Natural é o querer bem  
Que o amor na alma se cria,  
Sem o sentir quem o tem.

Filodemo, no que ouvi,  
Tem-lhe sobeja afeição;  
E posto que o creia assi;  
Ou eu sonhei ou ouvi,  
Que era de alta geração.  
Logo na filosomia,  
Nas manhas, artes e jeito,  
Mostra mui grande respeito:  
Nem tão alta fantasia  
Não se põe em baixo peito.

DIONISA

Tudo isso cuido e vi  
Mil vezes miudamente;  
Mas estas mostras assi  
São desculpas pera mi,  
E não pera toda a gente.

SOLINA

O seu moço vejo vir  
A nós, seu passo contado.  
Este é muito pera ouvir,  
que diz que me quer servir  
De amores esperdiçado.

(Entra Vilardo, e diz)

VILARDO

Senhora, o Senhor seu pai,  
Mesmo de Vossa Mercê,

Já lá pera casa vai.  
Por isso, Senhora, andai,  
Que ele me mandou num pé:  
E diz que fosse jantar  
Vossa Mercê mesmamente.

SOLINA

E já veio do pomar?

DIONISA

Oh! quem pudera escusar  
De comer, nem de ver gente!

Nenhũa cor de verdade  
Tenho do que me ele manda.

VILARDO

Se ela sem vontade anda,  
Eu lhe emprestarei vontade,  
Empreste-me ela a vianda.

SOLINA

Vá, Senhora, por não dar  
Mais em que cuidar à gente.

DIONISA

Irei, mas não por jantar;  
Que quem vive descontente  
Mantém-se de imaginar.

VILARDO

Pois também cá minhas dores  
Me não deixam comer pão;  
Nem come minha afeição  
Senão sopadas de amores,  
E mil postas de paixão.  
Das lágrimas caldo faço  
Do coração escudela;  
Esses olhos são panela  
Que coze bofes e baço,  
Com toda a mais cabedela.

(Vão-se todos e entra Monteiro em busca de Venadoro, que se perdeu na caça. E diz)

MONTEIRO

Perdeu-se por esta brenha  
Venadoro, meu Senhor,  
Sem que novas dele tenha:  
Queira Deus que inda não venha  
Desta perda outra maior.  
Contra esta parte daqui  
Despós um cervo correu;  
Logo desapareceu.  
Como de vista o perdi,  
O gosto se me perdeu.

Eu e os mais caçadores  
Corremos montes e covas;  
Falámos com lavradores  
Deste vale, e com pastores,  
Sem acharmos dele novas.  
Quero ver nestes casais  
Que cobre aquele arvoredado,  
Se acharei pastores mais,  
Que me dêem alguns sinais  
Que me possam tornar ledos.

(Chama pelos pastores do casal e responde-lhe um pastor.)

Hou dos casais! Hou de lá!  
Ah! pastores, não falais?

PASTOR

Quién sois, ó lô! Que buscais?

MONTEIRO

Ouvis? Chegai pera cá!

PASTOR

Dicid vos lo que mandais.

Fala o Bobo, seu filho do pastor

BOBO

No vayais adó os llamó,  
Padre, sin saber quien es.

PASTOR

Porque?

BOBO

Porque este es – sé yo –  
Aquel ladrón que hurtó  
El asno del Portuguez.

Y se vais adó están,  
Os juro al cuerpo sagrado  
De San Pisco y San Juan,  
Que también os hurtarán,  
Que sois asno más honrado.

PASTOR

Déjame ir, que me llamó.

BOBO

No, por vida de mi madre;  
Que si allá vais, muerto so,  
Y desta vez quedo yo,  
Sin asno, triste! y sin padre.

MONTEIRO

Vinde, que vo-lo encomendo,  
E em vossas mãos me ponho.

BOBO

No vais, que dijo en comiendo:  
– Encomiendoos al demonio!

Ao Monteiro

Y eso es lo que andais haciendo?

PASTOR

Déjame ir adó está,  
Que no es cosa que me espante.

BOBO

No quereis sino ir allá?  
Pues echadle pan delante.  
Puede ser amansará.



PASTOR

Dios os guarde! Quê cosa es  
Esa porque voceais?

MONTEIRO

Dar-me-eis novas ou sinais  
De um fidalgo português,  
Se passou por onde andais?

BOBO

Yo sóy hidalgo portuguez:  
Que manda su Señoria?

PASTOR

Cállate! Oh! que nescio es!

BOBO

Padre, no me dejarés  
Ser lo que quisiere un dia?

Ah! Santo Dios verdadero!  
No seré lo que otros son?  
Digo ahora que no quiero  
Ser Alonsico, el vaquero.

PASTOR

Cállate ya, bobarrón!

BOBO

Ya me callo: ahora un poco  
He de ser lo que yo quisiere.

PASTOR

Señor, diga lo que quiere,  
Porque este muchacho es loco,  
Y muero porque no muere.

MONTEIRO

Digo que se por ventura  
Sabeis o que ando buscando:

Um fidalgo que caçando  
Se perdeu nesta espessura,  
Após um cervo andando.

Tenho esta parte corrida,  
Sem dele poder saber.  
Trago a alegria perdida;  
E se de todo a perder,  
Perca-se também a vida.  
Porque só polo buscar  
Tenho trabalhos assaz.

BOBO

(Yo no puedo callar más.

PASTOR

Como no puedes callar?  
Quítate allá para tras!)  
Cuanto por aquesta tierra,  
No siento nueva ninguna.

MONTEIRO

Oh! trabalhosa fortuna!

PASTOR

Mas detrás daquesta sierra  
Hallaréis, por dicha, alguna;

Que unas choças de vaqueros  
Portuguezes allí están  
Y aí muchas veces van  
Cazadores cavalleros:  
Puede ser que lô sabrán.

MONTEIRO

Quero-me ir lá saber.  
Ficai-vos a Deus, pastor.

PASTOR

Dios os livre de dolor.

BOBO

Y a nos dé siempre comer

Pan y sopas, que es mejor.

Mirad lo que os notifico:  
En aquel valle, acullá,  
Anda paciendo un burrico,  
Hidalgo, manso y bonico;  
Puede ser que ese será.

PASTOR

Calla, y acaba de andar.

BOBO

Yo ando.

PASTOR

Quieres callar?  
Bobo que tan poco sabe!

BOBO

No decis çue ande y acabe?  
Ando, y no quiero acabar.

(Vão-se todos e entra Florimena, pastora, com um pote, que vai à fonte, e diz)

FLORIMENA

Por este fermoso prado,  
Tudo quanto a vista alcança  
Tão alegre está tomado,  
Que a qualquer desesperado  
Pode dar certa esperança.  
O monte e a sua aspereza  
De flores se veste ledó;  
Reverdece o arvoredó.  
Somente em minha tristeza  
Está sempre o tempo quedó.

Junto desta fonte pura,  
Segundo a muitos ouvi,  
De altos parentes nasci.  
Foi como quis a Ventura,  
Mas não como eu mereci.  
O dia que fui nascida,  
Minha mãe do parto forte  
Foi sem cura falecida;  
E o dia que me deu vida

Lhe dei eu a ela a morte.

Do mesmo parto nasceu  
Meu irmão, que entre os cabritos  
Comigo também viveu;  
Mas, assi como creceu,  
Creceram nele os espiritos.  
Foi-se buscar a cidade;  
Teve juízo e saber;  
Eu fiquei, como mulher,  
E não tive faculdade  
Pera poder mais valer.

A um pastor obedeço  
Por pai, que de outro não sei;  
E pola mãe que matei,  
A ùa cabra conheço,  
De cujo leite mamei.  
Mas, porém, já que este monte  
Me obriga, e meu nascimento,  
Quero, pois quer meu tormento,  
Encher a talha na fonte  
Que cos olhos acrecento.

(Enquanto finge que enche a talha, entra Venadoro e diz)

VENADORO

Pois que me vim alongar  
Dos caminhos e da gente,  
Fortuna, que o consente,  
Se devia contentar  
De me ter tão descontente.  
Porém, segundo adivinho,  
Por tão espesso arvoredado,  
Por tão áspero rochedo,  
Quanto mais busco o caminho,  
Tanto mais dele me arredado.

O cavalo, como amigo,  
Já cansado me trazia,  
Mas deixou-me, todavia;  
Que mal pudera comigo  
Quem consigo não podia.  
Quero-me aqui assentar  
À sombra, nesta ervinha,  
Porque canso já de andar;  
Mas inda a fortuna minha  
Não cansa de me cansar.

Junto desta fonte pura  
Não sei quem cuida que está;  
Mas no coração me dá  
Que aqui me guarda a Ventura  
Algũa ventura má.  
Ou ganhado ou bem perdido,  
Faça, enfim, o que quiser,  
Que eu o fim disto hei-de ver;  
Que já venho apercebido  
A tudo quanto vier.

Oh! que fermosa serrana  
À vista se me oferece!  
Deusa dos montes parece;  
E se é certo que é humana,  
O monte não na merece.  
Pastora tão delicada,  
De gesto tão singular,  
Parece-me que em lugar  
De perguntar pola estrada,  
Por mim lhe hei-de perguntar.

Até'qui sempre zombei  
De qualquer outra pessoa  
Que afeiçoada topei;  
Mas agora zombarei  
De quem se não afeiçoa.  
Serrana, cuja pintura  
Tanto a alma me moveu,  
Dizei-me: Por qual ventura  
Andareis nesta espessura,  
Merecendo estar no Céu?

FLORIMENA

Tamanho inconveniente  
Andar na serra parece?  
Pois a ventura da gente  
Sempre é mui diferente  
Da que, ao parecer, merece.

VENADORO

Tal resposta é manifesto  
Não se aprender entre as cabras;  
Pois não vos parece honesto  
Saberdes matar co gesto,  
Senão inda com palavras.

No mato, tudo é rudeza:

Há tal gesto e discrição?  
Não no creio.

FLORIMENA

Porque não?  
Não suprirá natureza  
Onde falta criação?

VENADORO

Já logo nisso, Senhora,  
Dizeis, se não sinto mal,  
Que do vosso natural  
Não era serdes pastora.

FLORIMENA

Digo, mas pouco me vale.

VENADORO

Pois quem vos pôde trazer  
À conversação do monte?

FLORIMENA

Perguntai-o a essa fonte;  
Que as cousas duras de crer,  
Um as faça, outro as conte.

VENADORO

Esta fonte, que está aqui,  
Que sabe do que dizeis?

FLORIMENA

Senhor; mais não pergunteis,  
Porque outra cousa de mi  
Sabei que não sabereis.

De vós agora sabei  
O que não tendes sabido:  
Se quereis água, bebei;  
Se andais por dita perdido,  
Eu vos encaminharei.

VENADORO

Senhora, eu não vos pedia  
Que ninguém me encaminhasse;  
Que o caminho que eu queria,  
Se o eu agora achasse,  
Mais perdido me acharia.

Não quero passar daqui;  
E não vos pareça espanto,  
Que em vos vendo me rendi;  
Porque, quando me perdi,  
Não cuidei de ganhar tanto.

#### FLORIMENA

Senhor, quem na serra mora  
Também entende a verdade  
Dos enganos da cidade.  
Vá-se embora, ou fique embora,  
Qual for mais sua vontade.

#### VENADORO

Oh! lindíssima donzela  
A quem Ventura ordena  
Que me guie como estrela!  
Quereis-me deixar a pena,  
E levar-me a causa dela?!  
E já que vos conjurastes  
Vós e Amor pera matar-me,  
Oh! não deixeis de escutar-me!  
Pois a vida me tirastes,  
Não me tireis o queixar-me!

Que eu, em sangue e em nobreza  
O claro Céu me extremou;  
E a Fortuna me dotou  
De grandes bens e riqueza,  
Que sempre a muitos negou.  
Andando caçando aqui,  
Após um cervo ferido,  
Permitiu meu Fado assi,  
Que, andando dos meus perdido,  
Me venha perder a mi.

E porque inda mais passasse  
Do que tinha por passar,  
Buscando quem me ensinasse  
Por que via me tornasse,  
Acho quem me faz ficar.  
Que vingança permitiu

A Fortuna num perdido!  
Oh! que tirano partido,  
Que quem o cervo feriu,  
Vá como cervo ferido!

Ambos feridos num monte,  
Eu a ele, outrem a mi.  
Ûa diferença há aqui:  
Que ele vai sarar à fonte,  
E eu nela me feri.  
E pois que tão transformado  
Me tem vossa fermosura,  
Um de nós troque o estado:  
Ou vós pera o povoado,  
Ou eu pera a espessura.

#### FLORIMENA

Dos arminhos é certeza  
Se lhe a cova alguém sujar,  
Morar fora antes de entrar;  
De estimar muito a limpeza,  
Pola vida a vai trocar.  
Também quem na serra mora  
Tanto estima a honestidade,  
Que antes toma ser pastora,  
Que perder a castidade,  
A troco de ser senhora.

Se mais quereis, esta fonte  
Dos descubra o mais de mim:  
O que ela viu, ela o conte;  
Porque eu vou-me pera o monte,  
Porque há já muito que vim.

Vai-se Florimena, e diz

#### VENADORO

Ó linda minha inimiga,  
Gentil pastora, esperai!  
Pois a tanto amor me obriga,  
Consenti-me que vos siga:  
Vá o corpo onde alma vai.

E pois por vós me perdi  
E neste estado Amor me pôs  
Os olhos com que vos vi,  
Pois os deixastes sem mi,  
Oh! não os deixeis sem vós!



Porque a Fortuna me disse  
Que nas serras onde andais,  
Em estes extremos tais,  
Não era bem que vos visse  
Pera não ver de vós mais.

E pois Amor se quis ver  
Da livre vida vingado,  
Em que eu soía viver,  
Faça em mi o que quiser,  
Que aqui vou ao jugo atado.

(Vai-se Venadoro após de Florimena e entra D. Lusidardo, seu pai, que quer ir em sua busca, e o monteiro Filodemo, e diz)

LUSIDARDO

Oh! Santo Deus verdadeiro,  
A quem o mundo obedece!  
Meu filho não aparece;  
Ou que me dizeis, monteiro?

MONTEIRO

Digo-lhe que me entristece;  
Que eu corri por esses montes  
Bem quinze léguas ou mais,  
E busquei polos casais,  
Por serras, montes e fontes,  
Sem ver novas nem sinais.

Toda a gente que levou,  
Buscando-o muito cansada,  
Polo mato anda espalhada;  
Mas ainda ninguém tornou  
que soubesse dele nada.

LUSIDARDO

Oh! fortuna nunca igual!  
Quem me fará sabedor  
De meu filho e meu amor?  
Que se é muito grande o mal,  
Muito mor é o temer.

Quem tolhe que não achasse  
Algum leão temeroso  
Nalgum monte cavernoso,  
que sua fome fartasse

Em seu corpo tão fermoso?  
Quem há que saiba, ou que visse,  
Que das montanhas erguidas  
Algum monstro não saísse,  
E com seu sangue tingisse  
As ervas nelas nascidas?

Oh filho! vais-me a lembrar  
Quantas vezes vos mandava  
Que leixásseis o caçar!  
Não cuidei de adivinhar  
O que Fortuna ordenava.  
Eu irei, filho, buscar-vos  
Por esses montes, por i,  
Ou a perder-me, ou cobrar-vos;  
Que morte que quis matar-vos,  
Quero que me mate a mi.

Onde fostes fenecido,  
Seja também vosso pai;  
Ser-me-á acontecido,  
Como a virote que vai  
Buscar outro que é perdido.  
Vós só haveis de ficar,  
Filodemo, encarregado  
Pera esta casa guardar;  
Que de vosso bom cuidado  
Tudo se pode fiar.

Ide-vos a fazer prestes,  
Mandai cavalos selar;  
Pois achá-lo não pudestes,  
Ir-me-eis mostrar o lugar  
Onde da vista o perdestes.

(Vão-se e entra o Bobo com o vestido de Venadoro, que lhe tomou Venadoro o seu por se vestir de pastor, e diz, cantando)

BOBO

"Los muchachos del Obispo  
No comen cosa mimosa,  
Ni zanca d'araña, ni cosa mimosa.

Fala

De su sayo colorado  
Tan lozano me vestió,  
Que yo ya no soy yo,  
Ya por otro estoy trocado,

Que este sayo me trocó.  
Oh! que asno portuguez,  
Que loco por Florimena,  
Deseó zamarra ajena,  
Y dame por enterés  
Una zamarra tan buena!

Como yo vi la bovilla  
Andar con él en questiones,  
Y parársele amarilla,  
Díjete: – Florimenilla,  
Andáis en dongolondrones?  
Él me dijo: – Matalote,  
No tengáis dello desmayo.  
Y en esto, como un rayo,  
Tomóme mi capirote,  
Y dióme su capisayo.

Capirote, en buena fé,  
Si vós, cuando en mi entrastes,  
Capisayo vos tornastes,  
Que yo por eso cantaré  
Pues así me mejorastes.

Canta

"Lyrio, lyrio, lyrio loco,  
Con qué? Con capiroxada.

Por hablar cón la golosa  
De amores, mirad la cosa!  
Zamarilla tan hermosa,  
Que me han dado tan honrada,  
Con qué? Con capiroxada".

Fala.

Yo entonces respondí:  
Señor, dame pan y queso;  
Mas depues que lo entendí,  
Dixe a ella: Dale un beso,  
Que él me dió zamarra a mí.  
Ahora me mirarán  
Cuantos a la eglesia fueren;  
Y aquellos que no me quieren,  
Ahora me rogarán.

Sabéis porque no querré?  
Porque estoy ahidalgado;  
Y quando fuere rogado,

Cantndo responderé,  
Que ya estoy otro tornado.

Canta e baila

Seropicote, picote, mozas,  
Ahora quero amores con vosotras.

(Entra o Pastor e diz)

PASTOR

Hijo Alonsillo!

BOBO

Hijo Alonsillo!

PASTOR

No me quieres escuchar?

BOBO

Pues déjame suspirar.

PASTOR

Escúchame ahora, asnillo,  
Lo que te quiero mandar.  
Véte al Valle de las Rosas,  
Y di á Anton del Lugar  
Que si puede acá lhegar  
Porque tengo muchas cosas  
Que importan para le hablar.

Porque es aqui llegado  
Á este valle un hombre honrado,  
Mancebo de casta buena,  
Que amores de Florimena  
Le traen loco y penado.  
Dice que quiere casar  
Con ella, que su tormento  
No le deja reposar;  
Y que venga festejar  
Tan dichoso casamiento.

BOBO

Decid, padre, tambien vos,

No quereis casar conmigo?  
Casemos ambos adós.

PASTOR

Vé, y haz lo que te digo.

BOBO

Responde, padre, por Dios.

PASTOR

Vé luego, y vuelve apresado.  
Anda. No quieres andar?

BOBO

Pues que me habeis empujado,  
Juro a mí de desandar  
Todo cuanto tengo andado.

PASTOR

Trabajoso es este insano!  
Nunca hace lo que quereis.

BOBO

Ora no os apasioneis,  
Mi padrecico lozano,  
Que burlaba, y no lo veis?

PASTOR

Véte dahi!

BOBO

Héme aqui,

PASTOR

Vé donde te dixé.

BOBO

Ya vengo.  
Óh! que padrasto que tengo,  
Que asi me manda por ahi,

Siendo camino tan luengo!

(Vão-se, e entram Dionisa e Solina.)

DIONISA

Oh! Solina, minha amiga,  
Que todo este coração  
Tenho posto em vossa mão!  
Amor me manda que diga,  
Vergonha me diz que não.  
Que farei?  
Como me descobrirei?  
Porque a tamanho tormento  
Mais remédio lhe não sei,  
Que entregá-lo ao sofrimento.

Meu pai muito entristecido  
Se vai pela serra erguida,  
Já da vida aborrecido,  
Buscando o filho perdido,  
Tendo a filha cá perdida!  
Sem cuidar,  
Foi a casa encomendar  
A quem destruir-lha quer:  
Olhai que gentil saber;  
Que vai comigo leixar  
Quem me não leixa viver.

SOLINA

Senhora, em tanto desgosto  
Não posso meter a mão;  
Mas, como diz o rifão,  
Mais vale vergonha no rosto,  
que mágoa no coração.  
É bofé! se eu tanto amasse  
E visse tempo e sezão,  
Sem seu pai, sem seu irmão,  
Que a nuvem triste tirasse  
De cima do coração!...

DIONISA

Ah mana! que tenho medo  
Que se eu em tal consentisse,  
Que logo o mundo sentisse,  
Porque nunca houve segredo,  
Que, enfim, se não descobrisse.

SOLINA

Se eu tantas dobras tivesse  
Como quantas houve erradas,  
Sem que o mundo o soubesse,  
À fé que eu enriquecesse  
E fosse das mais honradas.

DIONISA

Sabeis que tenho em vontade?

SOLINA

Que podeis, Senhora, ter?

DIONISA

Falar-lhe, só pera ver  
Se é por ventura verdade  
O que dizeis que me quer.

SOLINA

Bofé, mana, dizeis bem,  
E eu o mandarei chamar,  
Como pera lhe rogar  
Que um anel que lá me tem,  
Que mo mande consertar.

DIONISA

Dizeis mui bem.

SOLINA

Vou-me lá  
Chamar o seu moço à sala;  
E se este parvo vem cá,  
Com ele um pouco rirá,  
Que sempre amores me fala.  
Vilardo, moço!

VILARDO

Quem chama?

SOLINA

Vem cá, moço; eu te chamo.

Que é de teu amo?

VILARDO

Ah que dama!  
Perguntais-me por meu amo,  
E não por um que vos ama?

SOLINA

E quem é esse amador,  
Que quer ter comigo passo?  
Será ele algum madraço?

VILARDO

Eu sou o mesmo, que o amor  
Me quebra pelo espinhaço.  
E mais vós sabeis de mi,  
Se eu a dizê-lo me atrevo,  
Que desque esses olhos vi,  
"Que yo ni como, ni bebo,  
Ni hago vida sin ti".

E mais pera namorado  
Não sou ora tão madraço.

SOLINA

Sois muito desmazelado!

VILARDO

Mas antes, de delicado,  
Caio pedaço a pedaço.  
E mais eu sofrer não posse  
Que me façais tanto fero,  
Que estou já posto no osso;  
Porque sou vosso e revosso,  
Por vida de quanto quero.

SOLINA

Feros? Está cheia a rua.  
Ora estou bem aviada!

VILARDO

Cupido, por vida tua,  
Que a não façais tão crua,



Pois que te não faço nada!  
"Amor, Amor, más te pido,  
Que quando se for deitar,  
Que le digas al oido":  
Devíeis-vos de lembrar  
Neste tempo de um perdido.

SOLINA

E tu fazes já coprinhas?  
Ainda tu trovarás?

VILARDO

Quem? eu? por estas barbinhas  
Que se vós virdes as minhas  
Que digais que não são más

SOLINA

Ora, pois me quereis bem,  
Dizei-me ùa.

VILARDO

Ei-la aqui,  
E veja o saibo que tem;  
Porque esta trovinha assi,  
Saiba que é trova do assém.

Diz o Moço a trova:

"Passarinhos, que voais  
Nesta menhá tão serena,  
Sabei que só minha pena  
Pode encher mil cabeçais".

SOLINA

O refão está salgado.  
Essa pena te dou eu?

VILARDO

Vós e Amor, que, de malva  
Me tem melhor empenado,  
Que nenhum virote seu.  
Pois se me ouvíreis cantar!

SOLINA

E tu és também cantor?

VILARDO

Tanto melhor que um açor.  
Quereis que vos venha dar  
Musiqueta de primor?

E que vos mande tanger  
Muito melhor que ninguém?

SOLINA

Já isso quisera ver.

VILARDO

Querer-me-eis, se o eu fizer,  
Algum pedaço de bem?

SOLINA

Querer-te-ei trinta pedaços.

VILARDO

E esse querer dará fruto  
Que me tire destes laços?

SOLINA

E que fruto?

VILARDO

Dous abraços.

SOLINA

Esse fruto custa muito.

VILARDO

Esse é o amor que em vós há:  
Pesar de minha mãe torta!

SOLINA

Ora i, chamai logo lá

Vosso amo, que venha cá  
Logo, que é cousa que importa.

VILARDO

Logo?

SOLINA

Logo nessas horas.

VILARDO

Não estarei aqui mais?

SOLINA

Não. Ainda aí estais?  
Vós haveis mester esporas.

VILARDO

Irei, porque mo mandais.

(Vai-se Vilardo e Solina, e entra o pastor e Venadoro com ele, feito pastor, e diz o)

PASTOR

Más de un mez es ya pasado  
Que en esta sierra andais;  
Y es caso mal mirado  
Que andeis guardando ganado  
Por una que tanto amais.  
Y si os determinais  
En querer casar con ella,  
Juro a mí que nada erráis;  
Y si eso es para habella,  
En vano cabras guardais.

Ya me distes vuestra fé  
(Sábelo estas terras todas):  
Yo con ella me engañé,  
Que luego mandar llamé  
Quien festejase las bodas.  
Y agora decís con pena,  
Que es dura cosa casar:  
Pues volveos nora buena,  
Que no habeis de engañar  
Con palabras Florimena.

VENADORO

Quem há-de ter coração  
Pera tamanho temor?  
Que em mim pegando estão,  
De ùa parte a Rezaõ,  
E doutra parte o Amor.  
Também vejo que perdê-la  
Será minha perdição;  
Que bem me diz a afeição,  
Que pouco faço por ela,  
Pois não desfaço em quem sam.

PASTOR

Digoos, si por bajeza  
Decis que no os conviene,  
Daros hé, una certeza:  
Que en sangre y en nobleza,  
Tanto como vos la tiene.

VENADORO

Pastor, digo que daqui  
Farei tudo que quiserdes;  
E se mais quereis de mi,  
Digo que vos dou o si  
Pera tudo o que fizerdes.

PASTOR

Dios os dé su bendición;  
Y pues que casais con ella,  
Yo os afirmo en conclusión,  
Que aun de vos y mas della  
Verná gran generación.  
Yo me voy por ella, hijo,  
Tomadla así mal compuesta;  
Verná quien haga la fiesta;  
Que en placer y regocijo  
Nos festeje esta floresta.

(Vai-se o pastor e fica Venadoro falando só, e diz)

VENADORO

Ó ribeiras tão fermosas,  
Vales, campos pastoris.  
Porque vos não revestis  
De novas flores e rosas,

Se minha glória sentis?  
Porque não secais, abrolhos?  
E vós, águas, que, regando  
Os olhos is alegrando,  
Correi, que também meus olhos  
De alegres estão manando.

Ah! pastora, em quem espero  
Poder viver descansado!  
Contigo guardarei gado,  
Que já eu sem ti não quero  
Nenhũa, alteza de estado.  
Diga o que quiser a gente,  
Tudo terei nũa palha,  
Porque está craro e evidente,  
que não há honra que valha  
Contra á vida descontente.

(Entram três pastores bailando e cantando de terreiro, diante do pastor que traz Florimena, e diz o)

PASTOR

Pues el amor os obliga  
A que hagáis tan buena liga,  
Tomando a Dios por testigo,  
Daquí os la entrego, amigo,  
Por mujer y por amiga.

VENADORO

Consentis nisto, Senhora?

FLORIMENA

Senhor, em tudo consento.

VENADORO

Oh! grande contentamento!

FLORIMENA

Saiba que nunca 'té'gora  
Lhe houve enveja ao tormento.

PASTOR

Ansí lo decis, bobilla?  
Oh! mala dolor os duela!

Pero no es maravilla  
Quien consiente assí la silla,  
Consienta también la espuela.

(Tornam a bailar e cantar, e acabado, entra D. Lusidardo e o monteiro, que andam em busca de Venadoro. E diz)

D. LUSIDARDO

Três dias há já que ando  
Por esta larga espessura  
A Venadoro buscando;  
E o que dele vou achando  
É que mo esconde a Ventura.

MONTEIRO

Senhor, cuido que lá vejo  
Uns lavradores cantar.

LUSIDARDO

I diante perguntar.

MONTEIRO

Cumprido é seu desejo  
Se a vista não me enganar.

LUSIDARDO

Como assi?

MONTEIRO

Ele não vê  
Aquele pastor loução  
Com ùa moça pola mão?  
Se Venadoro não é,  
Nem eu o monteiro sam.

PASTOR

Quién veo allá asomar,  
Que se viene a nuestras bodas?

BOBO

No los dejemos llegar,  
Que nos vernán a robar,

Juro a mí, las migas todas.

LUSIDARDO

Oh! Venadoro, meu filho!  
És tu este?

PASTOR

Quién veo allá asomar,  
Que se viene a nuestras bodas?

BOBO

No los dejemos llegar,  
Que nos vernán a robar,  
Juro a mí, las migas todas.

LUSIDARDO

Oh! Venadoro, meu filho!  
És tu este?

BOBO

Eso porque lo entendéis?  
Por las migas por ventura?  
Voto a tal no llevaréis:  
Por más y más que andéis,  
No hareis tal travesura.

VENADORO

Esta fermosa donzela  
Em mi teve tal poder,  
Que folguei de me perder;  
Pois, enfim, vim achar nela  
O que não cuidei de ser.  
Tanto em mi pôde este amor,  
Que a tenho recebida;  
E se o erro grave for,  
Aqui quero ser pastor:  
Deixe-me ter esta vida.

LUSIDARDO

É certo tal casamento?!

VENADORO

Tenha-o por cousa segura.

#### LUSIDARDO

Oh! grande acontecimento!  
Dest'arte sabe a Ventura  
Aguar um contentamento!

#### PASTOR

Oigame, Señor, a mí,  
Como hombre sabio, discreto,  
Porque acaeciô así,  
Y lo que supo hasta aquí  
Lo puede tener por cierto.

Muchos años son corridos  
Que en esta fuente abierta,  
En eestos valles floridos  
Hallé dos niños nacidos  
Y a su madre casi muerta.  
Los niños chicos crié,  
(Y desto cierto me arreo)  
Y a la madre sepulté;  
Y despues un gran deseo  
De saber esto tomé.

Como yo fuese enseñado  
De chico a la mágica arte  
Por mi padre, que es finado,  
Muy conosció y nombrado  
Soy por tal en toda parte.  
Yo con yervas de la sierra;  
Animales y otras cosas  
Haré, si el arte no se yerra,  
Que descendan a la tierra  
Las estrellas luminosas.

Soy, en fin, certificado  
Que la madre de los dos  
Fué princeza de alto estado,  
Y por un caso nombrado  
La traxo a esta tierra Dios.  
El macho, como creció,  
Deseoso de otro bien,  
Á la Corte se partió:  
La hembra es esta por quien  
Vuestro hijo se perdió.

Y si más quiere, Señor,



De mi arte, prestamente  
Dello le haré sabedor;  
Mas ha de ser de tenor  
Que no lo sepa la gente.

#### LUSIDARDO

Mas vamo-nos, se quereis,  
Que não soffro dilação,  
A minha casa; e então  
Lá disso me informareis,  
Que é caso de admiração.

E vós, filho, não cuideis  
Que a glória de vos achar  
Não é tanto de estimar,  
Que em qualquer' stado que esteis  
Não folgue de vos levar.

(Vão-se todos e, vendo vir a Filodemo, diz)

#### SOLINA

Eis Filodemo lá vem:  
Asinha acudiu ao leme.

#### DIONISA

Isso é de quem quer bem;  
Mas não sei se o viu alguém,  
Porque quem espera teme.  
Agora me quisera eu  
Daqui cem mil léguas ver.

#### FILODEMO

Folgara eu assi de ser,  
Porque este cuidado meu  
Fora mais de agradecer;  
Que quando por acidente  
Da fortuna desastrado  
Fosse apartado da gente  
Num deserto, onde somente  
Das feras fosse guardado;

Eu por ferro, fogo e água  
Buscar minha morte iria;  
A voz rouca, a língua fria,  
Tamanho mal, tanta mágoa  
Às montanhas contaria.

Lá, mui contente e ufano  
De mostrar amor tão puro,  
Poderia ser que o dano,  
Que não move um peito humano,  
Que movesse um monte duro.

#### DIONISA

Nesse deserto apartado  
De toda a conversação;  
Merecíeis degradado  
Por justiça, com pregão  
Que dissesse: "Por ousado".  
E eu também merecia  
Metida a grave tormento,  
Pois que, como não devia,  
Vim a dar consentimento  
A tão sobeja ousadia.

#### FILODEMO

Senhora, se me atrevi,  
Fiz tudo o que Amor ordena;  
E se pouco mereci,  
Tudo o que perco por mi,  
Mereço por minha pena.  
E se Amor pôde vencer,  
Levando de mi a palma,  
Eu não lho pude tolher;  
Que os homens não têm poder  
Sobre os afeitos da alma.

E ainda que pudera  
Resistir contra o mal meu,  
Saiba que o não fezera;  
Que pouco valera eu,  
Se contra vós me valera.  
Não deve logo ter culpa  
Quem se venceu de armas tais.  
Assi que, nisto e no mais,  
Tomo por minha desculpa  
Vós mesma que me culpais.

E se este atrevimento  
Com tudo for de culpar,  
Acabai de me matar;  
Que aqui tenho um sofrimento  
Que tudo pode passar.  
E se esta penitência  
Que faço em me perder,

Algum bem vos merecer,  
Fique em vossa consciência  
O que me podeis dever.

Que dizeis a isto, Senhora?

DIONISA

Eu que vos posso dizer?  
Já não tenho em mi poder,  
Segundo me sinto agora,  
Pera poder responder.  
Respondei-lhe vós, Solina,  
Pois a vós me entreguei.

SOLINA

Bofé, não responderei:  
Veja ela o que determina.

DIONISA

Não no vejo, nem no sei.

SOLINA

Pois eu também não sei nada.

DIONISA

Porquê?

SOLINA

Do que eu fazer,  
Se depois se arrepender,  
Dirá que eu fui a culpada.

DIONISA

Eu só quero a culpa ter.

SOLINA

Senhora, por não errar,  
Não quero que fique em mim.  
Esta noite no jardim  
Ambos podem praticar  
Como isto venha a bom fim.

Lá poderão ajustar  
Entre ambos o parecer;  
Que eu não me hei nisso de achar,  
Que não quero temperar  
O que outrem há-de comer.

DIONISA

Vós vedes a torvação,  
Que lá nessa casa vai?

SOLINA

Dá-me cá no coração  
Que é vindo o Senhor seu pai  
Com o Senhor seu irmão.

DIONISA

Filodemo, i-vos embora;  
Falai depois com Solina.

SOLINA

Vamos-nos também, Senhora,  
Receber seu pai lá fora,  
Não venha sentir a mina.

(Vão-se todos e entra Vilardo e Doloroso, que vêm dar ùa música a Solina com os músicos. E diz logo)

VILARDO

Assi que te contava, Doloroso, destas em que sempre andam rugindo as sedas.

DOLOROSO

Avante, que bem sei que o não dizeis polas sedas de Veneza.

VILARDO

Já sabeis que esta nossa Solina é tão celestina, e não há quem a traga a nós?

DOLOROSO

Logo parece moça brigosa, que por dá cá aquelas palhas, dará e tomará quatro espaldeiradas; e ao outro dia quem há-de cuidar que ùa mulher de sua arte há-de querer bem a um parvo como ti? Porque estas tais são como homens sesudos: se de noite se acham em algum ruído, onde possam fugir sem serem conhecidos, facilmente o fazem; e

ao outro dia quem há-de cuidar que um homem tão honrado havia de fugir? Outros dizem: Bem pode ser, porque noite escura é capa de judeus e de envergonhados.

VILARDO

Mui gentil comparação é esta. Mas assi que te dezia, o outro dia, assi zombando lhe pormeti de lhe dar ùa música, e já chamei outros dous meus amigos, que logo hão-de vir aqui ter conosco.

DOLOROSO

Que tal é a música que determinas de lhe dar? Não seja de siso; porque será a maior parvoíce do mundo, porque não concerta com a parvoíce que tu finges.

VILARDO

A música não é senão das nossas; mas faço-te queixume, que nem com um cão de busca pude achar ùas nêsporas por toda esta terra.

DOLOROSO

Nem nas acharás senão alugadas; mas eu não sou de openião que teus amores te custem dinheiro. Ora já lá aparecem os outros companheiros, e eu também ajudarei de telhinha ou de assovio; e vem-me isto à popa, porque daqui iremos à porta da minha pandeirinha, porque ando com ela num certo requerimento.

VILARDO

Vossas Mercês vêm ao próprio; boa seja a vinda. As guitarras vêm temperadas?

OS DOUS MÚSICOS

Tudo vem como cumpre. Mandai vegiar a Justiça entretanto.

VILARDO

Ora sus: fazei como se temperásseis cabeça de pescada com seu fígado e bucho, e canada e meia, que nunca meu pai fez tamanho gasto na sua missa nova.

(Neste passo se dá a música com todos quatro. Um tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, outro canta cantigas muito velhas, e no melhor diz)

VILARDO

Estai assi quedos, que eu sinto quem quer que é.

DOLOROSO

Justiça, polo corpo de tal! Ora sus, aqui não há outro valhacouto que nos valha, que pôr os pés ao caminho e mostrar-lhe as ferraduras.

(Vão-se todos e entra o Monteiro, e diz)

MONTEIRO

Como é gracioso este mundo, e como é galante! E quão gracioso seria quem o pudesse ver de palanque com carta de alforria ao pescoço, porque não pudessem entender nele meirinhos, almotacéis da limpeza, trabalhos, esperanças, temores, com toda a outra cabedela de enfadamentos! Ora notai bem de quantas cores teceu a Fortuna esta manta de Alentejo: perdeu-se Venadoro na caça: eis a casa toda envolta como rio; o pai enfadado, a irmã triste, a gente desgostosa; tudo, enfim, fora do couce; e o galante aposentado nos matos com os trajos mudados como camaleão decepado dos pés e das mãos, por ùa serranica de Alentejo! E veio o caso a sair de maneira fora da madre, que a recebesse por mulher; e rapa óleo e crisma de quem é, e renega as alembanças de seu pai, pois tanto tomou ao pé da letra o que Deus disse – "Por esta deixarás teu pai e mãe". E atentai isto, por me fazer mercê: cuidareis que este caso era "solus peregrinus". Sabei que os não dá a Fortuna senão aos pares, como quedas. Dionisa, mais mimosa e mais guardada de seu pai que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos anos não tinha feito inda o enequim; mais fermosa que ùa menhã de S. João, mais mansa que o rio Tejo, mais branda que um soneto de Garcilaso, mais delicada que um pucarinho de Natal; enfim, que por meia hora de sua conversação se poderá sofrer ùa pipa com cobra e galo e doninha, como a parricida, com tanto que dissesse o pregão o porquê; porque vos não fieis em castanhas (não sei se o diga, se o cale, que de magoado me trava pola manga a fala da garganta; mas, contudo, não há quem se tenha): seu pai a achou esta noite no jardim, com Filodemo, mais arrependida do tempo que perdera, que do que ali perdia. Eu, coitado de mi, que meta os dentes nos cabeçais, se desejar ave de pena.

(Aqui entra Duriano, e diz como cantando)

DURIANO

Ti ri ri, ti ri rão.

MONTEIRO

Que é isso, Senhor Duriano? que descuidos são esses? Onde é cá a ida agora?

DURIANO

Vou assi como parvo, porque o melhor é não saber homem nada de si.

MONTEIRO

Que dizeis a vosso amigo Filodemo, que assi se soube aproveitar do tempo que ficou só em casa?

DURIANO

Eu que hei-de dizer? Digo que descreio desta minha capa, se não é isto caso pera sair com ele a desafio.

MONTEIRO

Porquê?

DURIANO

Porque não basta que lhe dê a Fortuna gostos tão medidos sobre o funil, que lhe põe nos braços Dionisa, a mais fermosa dama que nunca espalhou cabelos ao vento, senão ainda pera o assegurar em sua boa ventura, lhe vem a descobrir que é filho de não sei quem, nem quem não.

MONTEIRO

Esses são outros quinhentos. Cujo filho dizem que é? que eu ouvi já sobre isso não sei que fábulas.

DURIANO

Dir-vo-lo-ei; pasmareis, que não é menos que príncipe, e pior ainda: Nunca ouvistes dizer de um irmão do Senhor Dom Lusidardo que, agravado de el-Rei, se foi pera os Reinos de Dinamarca?

MONTEIRO

Tudo isso ouvi já.

DURIANO

Pois esse galante, em satisfação de muitas mercês que El-Rei de Dinamarca lhe fizera, meteu-se de amores com ùa sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante, partes que a qualquer mulher abalam, desejou ela de ver geração dele; senão quando – livre-nos Deus! – se lhe começou de encurtar vestido, que estas cidras não se desistem em nove dias, senão em nove meses; foi-lhe a ele então necessário acolher-se com ela, porque não colhessem a ela com ele. Acolheu-se em ùa galé; e vede-la princesa em ùa "galera nueva, / con el marinero / a ser marinera". Finalmente, vindo navegando todo esse Oceano Germânico, Bancos de Frandes, Mar de Inglaterra, e trazidos à costa de Espanha, não nos quis a Ventura deixar gozar do repouso que nela buscavam: deu-lhe subitamente tamanha tormenta, que sem remédio deu a galé à costa, onde, feita pedaços, morreram todos desastradamente, sem escapar mais que á princesa com o que trazia na barriga, a quem parece que a Fortuna guardava pera dar o descanso, que a seu pai e mãe negara. Saiu finalmente a moça na praia, tal qual o temeroso naufrágio deixaria ùa princesa mais delicada que um arminho; e indo assi a pobre mulher pola terra estranha e despovoadá, e sem quem a encaminhasse por donde, depois de ter perdido tanto a esperança de ter algum remédio, deram-lhe as dores de parto junto de ùa fonte, aonde em breve espaço lançou duas crianças, macho e fêmea, como visagras. E como a fraca compreensão da delicada mulher não pudesse sustentar tantos e tão desacostumados trabalhos, facilmente deu a vida, que tanto havia que desejava de dar, deixando vivos aqueles dous retratos dela e de seu pai, que por causa de seus nascimentos a vida lhe tiraram, como acontece a víporas. E como as crianças

fossem destinadas ao que vedes, não faltou um pastor que as criasse, que ali veio ter, dando a mãe a alma a Deus. De maneira que, por não gastar mais palavras, o macho é vosso amigo Filodemo, e a fêmea é a serrana Florimena, mulher que é já de Venadoro.

MONTEIRO

Estranhas cousas me contaís! Assi que logo de seu pai herdou Filodemo namorar a filha do senhor que serve; não haverá logo por mal o Senhor Dom Lusidardo tomar por genro e nora, quem acha por sobrinhos.

DURIANO

Sabei que chora de prazer com eles, que já diz que acha que Filodemo se parece natural com seu irmão e Florimena com sua mãe.

MONTEIRO

Dai-me a entender como se creu tão de ligeiro o Senhor Dom Lusidardo de quem isso contou.

DURIANO

No caso não há dúvida, porque o pastor que lá achastes lhe certificou todo o caso; e fez ao pastor muitas mercês, e manda fazer muitas festas solenes. Venadoro, casado com sua mulher e prima, e Filodemo, que o mesmo parentesco tem com a Senhora Dionisa, estão fora de crer tamanho contentamento: cuidam que zombam deles.

MONTEIRO

Ora deixa-me ir a ver o rosto a esse velhaco de Filodemo: pois de meu matalote se me tornou Senhor. Creio que vem o Senhor Dom Lusidardo Dessimulemos.

(Entra Dom Lusidardo com Venadoro, que traz Florimena pola mão, e Filodemo traz a Dionisa. E diz)

LUSIDARDO

Quem não ficará pasmado  
De ver que por tal caminho  
Tem a Ventura ordenado  
Filodemo, meu criado,  
Vir ser meu genro e sobrinho!

Quem não pasmará agora  
De ver a Ventura minha,  
Que tem tornado nãa hora  
Florimena, ùa pastora,  
Ser minha nora e sobrinha!

Dêem-se graças ao Senhor,



Cujo segredo é profundo.  
Pois que vemos que quis pôr  
A Ventura e o Amor  
Por prazeres deste mundo.

(Vão-se todos e fenece a presente obra.)

FINIS. LAUS DEO